



SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS

ANCESTRALIDADE
NEGRA E DIREITOS
TERRITORIAIS



ORGANIZADORES :

JOSÉ CARLOS GOMES DOS ANJOS

SERGIO BAPTISTA DA SILVA



COMUNIDADES
TRADICIONAIS



SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Pró-Reitor de Extensão

**Fernando Setembrino
Cruz Meirelles**

Vice-Pró-Reitora de Extensão

Renita Klüsener

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Jusamara Vieira Souza

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Guimarães

Aron Taitelbaun

Carlos Alberto Steil

Célia Ferraz de Souza

Clovis M. D. Wannmacher

Geraldo Valente Canali

José Augusto Avancini

José Luiz Rodrigues

Lovois de Andrade Miguel

Maria Cristina Leandro Ferreira

Jusamara Vieira Souza, presidente

Editora da UFRGS • Av. Paulo Gama, 110, 2º andar - Porto Alegre, RS - 90040-060 - Fone/fax (51) 3316-4090 - editora@ufrgs.br - www.editora.ufrgs.br • **Direção:** Jusamara Vieira Souza • **Editoração:** Paulo Antonio da Silveira (coordenador), Carla M. Luzzatto, Maria da Glória Almeida dos Santos e Rosângela de Mello; suporte editorial: Andréa Lisboa Ilha (bolsista), Carlos Batanoli Hallberg (bolsista), Fernando Piccinini Schmitt, Gabriela Carvalho Pinto (bolsista) e Luciane Santos de Souza (bolsista) • **Administração:** Najára Machado (coordenadora), José Pereira Brito Filho, Laerte Balbinot Dias e Maria Beatriz Araújo Brito Galarraga; suporte administrativo: Ana Lucia Wagner, Jean Paulo da Silva Carvalho, João Batista de Souza Dias e Marcelo Wagner Scheleck • **Apoio:** Idalina Louzada e Laércio Fontoura.

SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS:

ANCESTRALIDADE NEGRA E DIREITOS TERRITORIAIS

Organizadores:

José Carlos Gomes dos Anjos

Sergio Baptista da Silva



© dos autores
1ª Edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Ivan Vieira

Revisão: Luís Augusto Junges Lopes
Gabriela Carvalho Pinto

Editoração eletrônica: Núbia Huff

S239 São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais / organizado por José Carlos Gomes dos Anjos e Sergio Baptista da Silva; losvaldyr Carvalho Bittencourt Júnior... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.

(Série Comunidades Tradicionais).

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Perícia socioantropológica. 3. Estudos etnográficos – São Miguel – Rincão dos Martimianos – Rio Grande do Sul. 4. Comunidades negras rurais – Quilombos – Rio Grande do Sul. I. Anjos, José Carlos Gomes dos. II. Silva, Sergio Baptista da. III. Bittencourt Júnior, losvaldyr Carvalho. IV. Título. V. Série.

CDU 572

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Ana Lucia Wagner – CRB10/1396)

ISBN: 85-7025-740-6

A COMUNIDADE DO RINCÃO DOS MARTIMIANOS: ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

Sergio Baptista da Silva

Esta parte do livro refere-se ao Rincão dos Martimianos, tendo como objetivo apresentar e discutir critérios técnicos, sócio-históricos-antropológicos, para que se possa avaliar o seu pleito de reconhecimento, demarcação e titularização de suas terras como terras de remanescentes de quilombos, diante do disposto no artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988. Conforme ficará demonstrado ao longo deste parecer, o Rincão dos Martimianos, hoje, constitui um território negro rural, diferenciado étnica, social e culturalmente de outros grupos populacionais que vivem na mesma região, e foi constituído a partir dos descendentes de Martimiano Rezende de Souza, filho da ex-escrava Maria Joaquina Rezende.

No município de Restinga Seca, região central do Estado do Rio Grande do Sul, existem duas comunidades rurais negras, São Miguel e Rincão dos Martimianos, que estão, desde seus surgimentos, ligadas por inúmeros laços de reciprocidade, fundados, principalmente, no pertencimento a um mesmo grupo étnico, nas redes de sociabilidade e em alianças matrimoniais, que fortaleceram as ligações étnico-culturais, estabelecendo lealdades primordiais, baseadas em relações familiares, entre as duas comunidades rurais negras.

Esta comunidade negra do Rincão dos Martimianos localiza-se na zona rural, a cerca de 3 km da sede do município de Restinga Seca,⁴⁹ possuindo aproximadamente mais de cem pessoas. O município de Restinga Seca situa-se a 250 km da capital do Rio Grande do Sul, a 67°00'00"W e 29°00'00"S, com latitudes de 29,49 ao sul e longitude de 53,35 ao oeste. Possui uma área de 954,76 km², que se constitui de uma sede e trinta e sete localidades.

O trabalho de campo junto à comunidade rural negra do Rincão dos Martimianos foi realizado no período compreendido entre outubro de 2001 e maio de 2002, com sucessivas idas a campo, cuja duração variou de um a vários dias.⁵⁰ José Carlos Gomes dos Anjos, do Departamento de Sociologia da UFRGS, vem, desde há cerca de dois anos, juntamente com sua equipe,⁵¹ desenvolvendo projeto de pesquisa e assessoria às comunidades rurais negras de Restinga Seca. Em muitos momentos, alguns dados e informações provenientes deste projeto, com autorização de seu coordenador, foram utilizados no presente laudo.

A microrregião de Santa Maria, onde localiza-se o município de Restinga Seca, entre outras, tem como características ser "área drenada pelos cursos superiores dos rios Vacacaí e Ibicuí" e ser "zona de contato entre o planalto basáltico e a campanha do sudoeste" (Vieira, 1984, p. 21).

A cobertura vegetal da microrregião abrange campos com capões e floresta galeria. As formações vegetais do tipo galeria ocorrem nos fundos dos vales ou nas planícies aluviais, onde a concentração de umidade estabelece condições físicas necessárias ao desenvolvimento de etapas subarbusivas, arbustivas e arbóreas (op. cit., p. 160).

As florestas e matas galeria constituíram-se provavelmente em um forte atrativo na motivação do deslocamento do fundador da Comunidade de Martimianos e seus irmãos, desde o interior do município de Caçapava do Sul, na campanha do sudoeste, região do escudo cristalino, para a região do atual município de Restinga Seca, na época 4º Distrito de Cachoeira do Sul.

Aliado a este fator atrativo, uma nova frente de trabalho regional estava abrindo-se, no final do século XIX e inícios do século XX, nos arredores de Santa Maria, local da convergência da malha ferroviária sul-rio-grandense em expansão, em função da ferrovia entre Porto Alegre e Uruguaiana.

⁴⁹ Veja mapa de localização (mapa 1), realizado pelo Gabinete de Reforma Agrária do Estado do Rio Grande do Sul, na página 212.

⁵⁰ Contamos com o auxílio do estudante de Ciências Sociais da UFRGS João Lagranha.

⁵¹ Paulo Sérgio da Silva, Luciana Schleder Almeida, José Francisco da Silva, Divoli dos Santos Júnior, Rita de Cássia dos Santos Camisolão, Ronaldo Jorge, Vera Lúcia Barcelos Bittencourt, Adriana dos Santos, Dilmar Luiz Lopes, Claudete dos Santos da Silva, Valquíria Carvalho Gonçalves, Fernanda Pereira.

A tomada das genealogias das famílias pertencentes às Comunidades negras de Martimianos e de São Miguel, ambas localizadas no atual município de Restinga Seca, estimulou a atualização da memória social dos dois grupos. Essa atualização foi vigorosamente empreendida pelos interlocutores, possibilitando, além da reconstituição da história familiar dos grupos negros que a elas pertencem, a reconstrução da história sociocultural desses mesmos grupos e, em consequência, das duas comunidades, cujo entrelaçamento, desde o início do Rincão dos Martimianos, aparece nos diagramas genealógicos através das alianças matrimoniais entre os Rezende de Souza, descendentes de Martimiano, filho de escrava, e os Carvalho, descendentes do ex-escravo Geraldo de Carvalho, da Comunidade de São Miguel.

A Comunidade de Martimianos tem início com o casamento de Martimiano Rezende de Souza exatamente com a filha mais moça do ex-escravo Geraldo de Carvalho, Alzira Martins de Carvalho Rezende de Souza (veja Diagrama genealógico I, no capítulo seguinte).

Junto com seus irmãos (Ernesto Rezende de Souza – pai e mãe comuns – e Atanásio Fagundes – apenas mãe comum) e sua irmã Anja (pai e mãe comuns), Martimiano Rezende de Souza, no final do século XIX, deslocou-se da região de Caçapava do Sul, localidade de Durasnal, de onde todos são naturais, para o atual município de Restinga Seca. O que teria motivado a saída dos irmãos da localidade de Durasnal, deixando lá a mãe?

Martimiano Rezende de Souza e seus irmãos – Ernesto e Anja – e seu meio-irmão – Atanásio – são filhos de Maria Joaquina, escrava de Delfino Souza, todos moradores em sua estância em Caçapava do Sul. Na verdade, Martimiano, Ernesto e Anja são filhos de Delfino e sua escrava,⁵² como se pode visualizar através do Diagrama genealógico I. Apesar de os últimos terem sido reconhecidos como filhos por Delfino, este ato não modificou suas condições sociais no âmbito da sociedade sul-rio-grandense de fins do século XIX, cuja mentalidade continuava escravocrata e preconceituosa em relação aos negros.⁵³

⁵² Segundo depoimento de João Izidoro Rezende de Souza, neto de Martimiano, Delfino possuía quatro famílias com escravas de sua estância, “uma em cada canto da fazenda”.

⁵³ Estudando o “papel do mestiço na formação social de Rio Pardo”, RS, Correa (2001, p. 100) assim a ele se refere: “Enquanto elemento marginal, o mestiço atuou geralmente à sombra daquela sociedade em que a fronteira era ao mesmo tempo periferia física e simbólica do centro colonizador. Como salienta Jean-Claude Schmitt, estudar os marginais significa obter uma visão mais abrangente da própria história. Trata-se de uma história da marginalidade e da exclusão, que acentua não apenas os valores e as recusas da sociedade pretérita, mas também os da nossa própria sociedade”.

O relato dos descendentes de Martimiano deixa antever que a situação social ambígua dos irmãos, situação essa estigmatizada pela sociedade local de mentalidade escravocrata, carregada de preconceito racial, social e cultural em relação aos negros, fez com que eles se rebelassem contra a imposição de um padrão injusto e perverso que não permitia o acesso a uma condição social e humana plena, seja aos escravos, ex-escravos, negros libertos, ou aos seus descendentes. A resistência contra essas regras sociais que impunham aos negros um padrão injusto manifestou-se concretamente, muitas vezes, no final do século XIX, como é o caso de Martimiano Rezende de Souza e seus irmãos, com o abandono do local de origem desses herdeiros do regime e da mentalidade escravocrata, indo em busca de novas regiões onde sua condição social pudesse ser neutralizada.

Paralelamente, a região de matas galeria da atual microrregião de Santa Maria vai tornar-se, naquela época, em nova frente de trabalho duro para os herdeiros do sistema escravocrata: a formação do futuro centro ferroviário do Estado do Rio Grande do Sul. A instalação das ferrovias, e todos os outros trabalhos a ela ligados, exercerá uma forte atração sobre todos esses herdeiros do regime escravista, excluídos do mercado de trabalho e impedidos de ascender socialmente.

É nesse quadro que se inicia a história de Martimiano e seus irmãos na região do antigo município de Cachoeira do Sul. Restinga Seca passou a 4º Distrito de Cachoeira do Sul em 7 de julho de 1892. Em 31 de março de 1938, o povoado foi elevado à categoria de vila. Em 1959, emancipou-se. O local da sede do atual município de Restinga Seca era conhecido como “Caixa d’água”, pois, embora ali ainda não houvesse estação, o que só iria acontecer mais tarde, o local era parada obrigatória para os trens “Maria Fumaça” abastecerem-se de água. Os dormentes para a estrada de ferro, bem como a lenha para os fornos dos primeiros trens movidos a vapor, vinham das comunidades negras de São Miguel e Martimianos.

Quando chegaram à região, Martimiano e seus irmãos trabalharam no atual município de Dona Francisca. Desde essa época, começa o contato deles com a família do ex-escravo Geraldo de Carvalho e Maria, da Comunidade negra de São Miguel, cujas filhas e neta vão ser desposadas por Martimiano (Alzira Martins de Carvalho Rezende de Souza, filha de Geraldo de Carvalho e Maria), por Atanázio (Nélcia de Carvalho Fagundes, filha de Geraldo de Carvalho e Maria) e por Ernesto (Maria, filha de Constância de Carvalho, esta última filha de Geraldo e Maria), como pode ser visto no Diagrama genealógico I.

Antes de seu casamento com Alzira Martins de Carvalho Rezende de Souza, Martimiano havia tido, na própria região do atual município de Restinga Seca, um relacionamento com Esmerilda. Desse relacionamento, nasceram duas filhas, Matilde e Palmira, classificadas pelos atuais descendentes de Martimiano como “filhas naturais”. Elas e seus descendentes foram incorporados à Comunidade de Martimianos.



Túmulo de Maria Joaquina Rezende (M+2.1), mãe de Martimiano Rezende de Souza. Cemitério do Barro Vermelho, Restinga Seca/RS.

Do seu casamento com Alzira de Carvalho, da Comunidade negra de São Miguel, nasceram onze filhos: Izidoro, Delfino, Geraldo, Maria Joaquina, João, Pedro, Atanázio, Abelino, Maria Florisbela, Martimiano Filho e Manoel.

A Comunidade de Martimianos estruturou-se, como será visto mais adiante, a partir desses treze descendentes diretos de Martimiano Rezende de Souza.

À época da chegada de Martimiano, a Comunidade de São Miguel já se constituía como espaço de sociabilidade e cultura negras, originada de apropriação de terras feitas pelo ex-escravo Geraldo de Carvalho. É aí, nesse território negro, parcialmente fechado sobre si mesmo como imposição vinda desde fora por força das regras sociais preconceituosas e discriminatórias, explícitas ou não, originadas a partir de um regime escravocrata, de direito, recém-terminado, que Martimiano e seus irmãos são acolhidos. Único local possível de lazer e sociabilidade para negros filhos de ex-escrava em uma sociedade de mentalidade ainda escravista.

Entretanto, como também aconteceu nos antigos espaços negros de refúgio e resistência armada, não houve ou há atualmente isolamento total, fechamento da comunidade sobre si mesma. Na sociedade regional mais abrangente, são buscados aliados. Paradoxalmente, nesta mesma sociedade discriminatória, a lógica dos negócios abre-se para interações interditas em outros planos. As mais evidentes são aquelas relacionadas aos contatos econômicos: comércio de produtos, venda da força de trabalho, arrendamento de parcela de suas terras a lindeiros, associação com produtores agrícolas descendentes de alemães ou italianos, etc.

A própria constituição da Comunidade de Martimianos, por exemplo, está baseada na lógica da interação econômica, isto é, na série de negócios efetuados por Martimianos a partir da venda de seu pedaço de terra na Comunidade de São Miguel (oriundo de herança de sua mulher, Alzira, filha de Geraldo de Carvalho) até a compra da área de terras onde está localizada a Comunidade de Martimianos, quando se estabelece definitivamente e volta à Caçapava do Sul para buscar sua mãe, ex-escrava.

Em outras palavras, enquanto Martimiano Rezende de Souza produzia (dormentes, lenha, etc.), ele encaixava-se na lógica econômica da sociedade abrangente.

Este fenômeno, aparentemente paradoxal (e que pode ser comparado ao "mito" de inclusão do negro escravo nas estâncias gaúchas, quando, dizem, a cuia passava de mão em mão e o negro era admitido na roda de chimarrão, ao lado do patrão), não abrange sua inclusão, nem de seus descendentes, em quaisquer outras situações de interação social.⁵⁴ Tal fenô-

⁵⁴ Exceção feita ao ritual da reza do terço às almas, descrito e comentado mais adiante.

meno bem demonstra a condição ambígua e nuançada imposta ao negro pela sociedade e que bem evidencia os padrões injustos de tratamento a que ele foi e é submetido, colocando-o à margem desta sociedade.

Paradigmaticamente, as duas comunidades rurais negras do município de Restinga Seca, que ora pleiteiam seu reconhecimento como remanescentes de quilombos, tiveram suas origens na apropriação por parte dos negros dos espaços marginais, periféricos, de duas das maiores fazendas escravocratas da região: as fazendas ligadas à família Martins e à família Carvalho.

Referindo-se às antigas terras da Fazenda Martins, assim se expressa Aldomiro Pumes, descendente de Geraldo dos Santos Martins e de uma escrava de sua senzala, e casado com uma neta de Martimiano Rezende de Souza: “Isso tudo era dele, até lá o ribeirão. Tudo era Martins. Da lombada pra cá era Martins, pra lá era Carvalho”.

No laudo sobre a Comunidade de São Miguel, José Carlos Gomes dos Anjos relata as origens deste território negro na zona marginal, fronteira, nos “fundões” das duas maiores áreas de terra do período escravocrata na região.

Quando as terras de São Miguel dos Pretos foram apropriadas por ex-escravos, faziam parte ainda do 4º distrito de Cachoeira, uma localidade denominada Rincão do Vacacaí Mirim. A localidade ocupada pelos ex-escravos era uma brecha na fronteira de duas grandes sesmarias, domínios das, outrora, duas grandes famílias da região: a família Santos Martins e sua opositora melhor sucedida, a família Bernardes Carvalho. “Ele sempre diz que isso tudo aqui era Martins e era uma família muito rica, ricaça na época que seria os Martins e os Carvalho, que seriam os donos. O pessoal falava que lá em baixo existia um travessão onde é que dividia as terras dos Martins e dos Carvalho. Então foi a partir dali que surgiu. Vinha os escravos pra eles, pra esses Martins” (Alvonir, 35 anos, filiação: tronco de parentesco do Tio Panda).

Conhecido em um primeiro momento como Picada do Canto dos Paus, São Miguel dos Pretos se constituiu, na fronteira dessas duas antigas sesmarias em fins do século XIX, na esteira do lento processo de desagregação do sistema escravista, para o qual, na localidade, esses escravos contribuíram decisivamente. Trata-se de um território que se constituiu como única possibilidade de viver em liberdade no contexto de uma sociedade que, mesmo após a abolição formal da escravidão, mantinha os negros na mais absoluta miséria e reinventava dispositivos para manter a força de trabalho negra aprisionada. (Anjos, a Comunidade de São Miguel, neste volume)

Neste contexto, e com a chegada de imigrantes estrangeiros à região, os negros dessas comunidades viram-se pressionados a adquirir legalmente as porções de terra que ocupavam desde os anos 70 do século XIX, com o objetivo de legitimar através da compra e não perder a posse desses territórios.

O processo de desagregação do sistema escravista e a possibilidade de compra de terras de mato a um preço relativamente barato permitiram o surgimento de toda uma série de pequenos povoados de descendentes de escravizados. No Rincão do Vacacaí Mirim, então quarto distrito do município de Cachoeira, formam-se cinco povoados mais estritamente vinculados entre si: São Miguel, Cavalheiros, Martimianos, Varginha e Campestre. Toda essa série de pequenos povoados constituiu uma espécie de fortificação em torno de São Miguel, que funcionou como uma espécie de núcleo central de um tecido cultural de resistência aos processos de desterritorialização. Esse tecido cultural foi forjado através de processos concretos como as alianças matrimoniais, as festas comunitárias, as redes de relações de parentesco, amizade e compadrio e a consolidação de uma memória coletiva comum. É dos esquemas de interpretação permitidos por essa memória coletiva que se evidencia a situação estratégica do território de São Miguel. (Anjos, *idem*).

Todas essas outras comunidades negras do município de Restinga Seca – São Miguel, Cavalheiros, Varginha e Campestre – mantiveram, desde seus inícios, e continuam mantendo ligações com a Comunidade negra rural do Rincão dos Martimianos, inclusive nas alianças matrimoniais, como será demonstrado no próximo capítulo.

Por volta dos anos 50 do século XX, uma família descendente de colonos italianos de sobrenome Bellé chega à região e é empregada. Bellé instala-se no território dos Martimianos e, em uma seqüência de negociações e apropriações, acaba se apoderando de mais de metade dos 96 hectares herdados pelos descendentes de Martimianos.

Quadro socioeconômico

Os dados socioeconômicos dos membros da Comunidade do Rincão dos Martimianos revelam um quadro perversamente precário, relacionado a situações de subemprego, atividades informais, baixos salários, aposentadorias irrisórias e aviltantes recursos provenientes do arrendamento, a maioria das vezes efetuado de forma verbal, de áreas de terras, que, em muitos casos, se resumem a algumas sacas de arroz/ano por hectare.

A grande maioria dos recursos econômicos provém de atividades de baixíssima remuneração. São elas: diaristas,⁵⁵ trabalhadores na olaria estabelecida nas terras da comunidade, biscateiros (trabalho rural informal e sazonal), empregados domésticos, operários de serraria, pedreiros, funcionários de cooperativa ou empresa de segurança privada.

A totalidade das famílias complementa essa precária situação com alimentos e ervas medicinais provenientes de suas roças familiares e de outras áreas de cultivo (jardins, quintais, pequenos pomares), onde plantam principalmente mandioca, milho, cana, cucurbitáceas, feijão, amendoim, algumas árvores frutíferas, hortaliças em geral e vegetais considerados pela sua tradição cultural como curativos.⁵⁶ Igualmente, alguns núcleos familiares criam pequenos animais domésticos (galinhas e porcos).

Completando esse quadro socioeconômico, já qualificado de perverso, o dono da olaria estabelecida em terras da comunidade, da família Bellé, também o maior arrendador/expropriador delas, detém, igualmente, sobre as famílias do Rincão dos Martimianos uma relação intimidatória a mais, na medida em que é o empregador de vários chefes de famílias negras locais. Segundo João Araci Rezende de Souza, de cerca de uma dúzia de funcionários, apenas um não é herdeiro.

⁵⁵ Segundo João Araci Rezende de Souza, um diarista “trabalha quando tem serviço pra trabalhar”.

⁵⁶ “Temos ervas. Plantamos terramicina, anador, erva cidreira, boldo, malva, anis, manjerição, guiné, saúde da mulher, sálvia”. Conforme Alziro Rezende de Souza.